

COMENTÁRIO SOBRE A REVISTA RAÇA BRASIL*

Adriana Piscitelli**

Li com muito interesse os primeiros números de Raça Brasil. Minha curiosidade estava dirigida, sobretudo, para a maneira como o gênero apareceria numa revista segmentada de uma maneira “inovadora” no País. A leitura, a partir de uma perspectiva de gênero, da “primeira revista brasileira concebida para um público negro” chamou minha atenção para algumas contradições, que comento aqui, entre a racialização presente na publicação e as possibilidades de “igualdade” entre homens e mulheres, brancos/as e negros/as.

Em primeiro lugar, devo esclarecer que quando me refiro a uma perspectiva de gênero, estou pensando em muito mais do que o lugar que as mulheres ocupam na Revista. Um olhar rápido sobre a publicação é suficiente para perceber que Raça Brasil outorga um espaço importante às mulheres. De fato, as diversas partes da Revista parecem expressar concretamente o objetivo presente na carta de intenções com que ela é inaugurada: oferecer um espaço de construção do “orgulho da negritude, um reforço à auto-estima, através do sucesso, da alegria e do consumo para os milhares de negros e negras” que nascem todos os dias no país.¹ As mulheres ocupam um lugar destacado nas capas da Revista (embora num quase imperceptível segundo plano) e assinam aproximadamente a metade das cartas dos leitores. As pessoas notáveis entrevistadas, aquelas consideradas na seção “Memória” e as apresentadas nas denúncias de discriminação se repartem por igual entre homens e mulheres.² Além

* Campinas, 20 de dezembro de 1996.

** Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, Unicamp.

¹ Vide “Linha de Frente”. *Raça Brasil*, nº 1, p.4 (Editorial assinado por Aroldo Macedo.)

² Vide as seções “Outras palavras”, “Memória” e “Olho Vivo”.

Comentários sobre a Revista ...

disto, as personagens femininas são diferenciadas. Algumas, como Glória Maria, se definem como “mulheres negras/profissionais/independentes” enquanto outras reiteram a centralidade da associação feminilidade/maternidade.”³

Uma perspectiva de gênero exige, entretanto, outro tipo de reflexão: pensar o que as conceitualizações que têm como referência o que é percebido como diferenças sexuais possibilita dizer sobre as diversas diferenciações/hierarquizações presentes na Revista. Em Raça Brasil, ser “negro” é o resultado de uma série de fatores interligados entre os quais se destaca a “herança” – cultural e biológica. Na tentativa de estimular a construção do orgulho da negritude, a Revista racializa através da associação entre os aspectos fisionômicos (genéticos) que derivam da “origem” (africana) – tons de pele, tipo de cabelo – e uma série de atributos tais como fortaleza, energia, alegria e, sobretudo, beleza e sensualidade.⁴ As diferenças inscritas no corpo, particularmente a cor, são, portanto, elementos cruciais em Raça Brasil. Mas a Revista parte delas para esboçar um horizonte de igualdade – entre “negros” e “brancos” e entre homens e mulheres.

Uma perspectiva de gênero colabora na percepção da naturalização desses atributos que, associados à categoria “negro”, perpassa notas e propagandas, referindo-se tanto a mulheres quanto a homens. Em Raça Brasil os negros aparecem como naturalmente dotados de uma energia particular cujo simples “resgate” os torna, por exemplo, dançarinos explosivos e elásticos.⁵ Essa mesma energia os converte em amantes especialmente fogosos (...) “mais quentes...e dispostos ao sexo”. Na Revista, a sensualidade pensada como específica da raça negra aparece, ao mesmo tempo, inscrita no corpo

³ Camila Pitanga afirma: “nasci para ser mãe”. A articulista comenta que, nesse caso, “o instinto vem de herança”. “Camila Pitanga, ‘Tenho orgulho de ser negra’ ”, *Raça Brasil*, nº2, pp-38-42.

⁴ Vide “Linha de Frente”. Op.cit.

⁵ Vide “A dança dos deuses”. Embora todos possam praticar dança afro, os brancos precisam apreender algo que, segundo a coordenadora do Grupo Cultural Afro 2 “para os negros, é só um resgate da energia que já existe dentro deles”. *Raça Brasil*, nº 4, p.85

masculino, no pênis que, segundo entrevistadas brancas e negras, é “maior e mais forte, como todos os membros do negro” e no feminino, “na bundinha dura das negras”.⁶

Essas concepções sobre a “negritude” – que não são, em absoluto, originais – apresentam, de maneira circular, uma relação na qual os atributos associados à cor também derivam dela. Essa relação entre atributos e o naturalmente dado é análoga à que aparece em muitas concepções de gênero. Entretanto, na “negritude”, assim pensada, a naturalização apresenta aspectos mais complexos, uma vez que o gênero também está presente no processo de “racialização”. A estetização, em termos predominantemente reservados ao universo feminino em revistas genericamente destinadas à classe média; a importância de ver-se “bonito, lindo” e a sexualização atingem a categoria “negro”, feminilizando-a. Não se trata de uma mera repetição de esteriótipos uma vez que, outorgando conotações positivas à racialização, a Revista aparentemente alarga o sentido das representações através das quais opera a naturalização dos atributos associados à negritude. Entretanto, os paradoxos que resultam desse procedimento saltam à vista.

As destinatárias da *Raça Brasil* são imaginadas como extremamente interessadas em moda (geralmente cara) e beleza. Românticas e sonhadoras, essas mulheres “adoram um namoro à moda antiga”, “demonstram suas emoções com mais facilidade” [que os homens] e valorizam a fidelidade⁷. Entretanto, elas se diferenciam das mulheres “brancas” que povoam outras revistas destinadas à classe média por algo mais do que problemas específicos em relação ao cabelo e ao tratamento de pele. Sofrem de discriminação nos mundos brancos e, também, nos negros. Um número impressionante de mulheres declara sua dificuldade para arrumar parceiros negros: eles parecem preferir as brancas. A queixa, que se reitera uma e outra vez, é sintetizada da seguinte maneira por uma mulher negra: “Os [negros] bem sucedidos, em geral, procuram mulheres brancas. É sinal de status. Ao lado de uma branca, ele acha que é melhor aceito na

⁶ “Atração Black”. *Raça Brasil*, n°2, p.68-71.

⁷ “O que as mulheres esperam dos homens?”. *Raça Brasil*, n° 4, pp. 78-81.

sociedade"⁸. Elas preferem homens negros "por achá-los mais sensuais".⁹ É interessante perceber que os homens negros declaram preferir as brancas pelo mesmo motivo. Um modelo negro, por exemplo, após concordar que a superioridade sexual é um símbolo da raça afirma que "para namorar prefere as mulheres brancas pois as negras não se valorizam e ele gosta das sexy".

Em *Raça Brasil* a sensualidade negra marca a "raça" tornando-a atraente, à maneira de um objeto esteticamente apreciado. Neste sentido, vale a pena prestar atenção para os comentários que Hans Donner faz sobre sua esposa, a "mulata Globeleza": "Ela é um tesão, uma escultura de bronze, uma perfeição. Não me canso de admirá-la".¹⁰ No entanto, como vimos acima, a naturalização dessa sensualidade traça, em termos de gênero, trilhas diferenciadas para os seus portadores, colocando em "desvantagem" as mulheres negras. O atrativo da negritude parece desaparecer, através de um mecanismo de des-feminilização/des-sexualização, quando se trata do olhar que os homens negros lançam sobre as mulheres negras.

Sexualizar, tornar objeto, feminilizar são termos que apareceram recorrentemente nestes comentários. Estes remetem ao paradoxo central que uma leitura numa perspectiva de gênero permite observar em *Raça Brasil*. A Revista reconhece a desigualdade - à qual dedica uma seção fixa - em que os negros são colocados socialmente no Brasil e, na procura de uma superação propõe a construção de uma identidade negra, positiva e não vitimizada. Entretanto, ela se realiza - e nisto reside o paradoxo - afirmando as essencializações que, perpassadas pelo gênero, participam na sua própria construção. Em outras palavras, a Revista tenta abrir caminhos para alcançar a "igualdade" entre brancos e negros através da exaltação de atributos naturalizados que, pensados como derivados da "raça", inferiorizam e subordinam seus portadores, os homens e mulheres negros aos quais *Raça Brasil* está supostamente destinada.

⁸ *Ib.*, p. 79.

⁹ *Ib.*, p. 82.

¹⁰ "Casais Mistos. Da cor do pecado". *Raça Brasil*, nº 1, p. 77.

Adriana Piscitelli